

INFORMAÇÕES

Contas do Ofertório mensal de agosto a favor da igreja nova: Esta semana o pároco recebeu mais 150 €, referentes ao ofertório mensal de agosto para a igreja nova, de uma pessoa anónima que costuma contribuir todos os meses. Houve também um lapso na publicação dos contributos no boletim anterior: as notas e moedas soltas renderam 35 €, em vez dos 30 publicados. Acrescem assim mais 155 €, resultando um total de 531,74 €, em vez dos 376,74 antes publicados. Um grande “bem hajam” aos que contribuíram!

Ofertório mensal de setembro a favor da igreja nova: Por ser o 2.º domingo do mês, o ofertório das Eucaristias do próximo fim de semana, dias 12 e 13, reverterá a favor do pagamento das obras de construção da nossa

igreja paroquial. Seja generoso(a)!

Donativos para a igreja nova: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para o pagamento das obras de construção da nossa Igreja Paroquial: Albertina Gonçalves Oliveira Pereira – 5 € (mensal); Anónima – 60 €; Maria dos Mares Gomes Gonçalves – 5 € (mensal); Maria Lindalva Pereira de Castro – 5 € (mensal); Anónima – 15 € (mensal); Casal anónimo – 20 €; Anónimos (Caixa dos donativos para a igreja nova) – 40 €. Bem hajam!

Donativos para o padroeiro: Esta semana foram entregues ao pároco os seguintes contributos para o nosso padroeiro, o Senhor do Socorro: Anónimo – 5 €; Anónima – 10 €; Anónima – 5 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
08	Ter	18h45	Pais e irmãos da família Mendes Gomes e Sogros; Valdemar Crisóstomo do Souto; Daniel Pereira Ribeiro; Fernando Carvalho Pereira; José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Jorge Barros da Lomba
10	Qui	18h45	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Mercedes Renda de Castro Campelo (aniv.) e marido
12	Sáb	19h00	Napoleão Oliveira da Cruz, Rosa Maria da Silva e seus filhos; Antónia da Conceição Caldeira, Marina Alexandra Caldeira Pedra, João Nunes Pedra e Mário Caldeira Pedra; Abel Pereira de Passos, filho e nora; Manuel de Lima; Rui Manuel Pereira da Silva; Eduardo Peres da Silva; António da Costa Pereira, esposa e filha; Almas do Purgatório mais abandonadas; Luís Miranda e familiares; Maria José de Freitas Chaves
13	Dom	10h00	Intenções de todos os que têm contribuído com os seus donativos para o pagamento das obras de construção da nova igreja paroquial

PARÓQUIA VIVA

N.º 1016 – 06/09/2020

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefones: 258 811 475 / 258 80 67 56 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



23.º Domingo Comum – Ano A



«disse Jesus aos seus discípulos: “Se o teu irmão te ofender, vai ter com ele e repreende-o a sós. ... Se dois de vós se unirem na terra para pedirem qualquer coisa, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos Céus. Na verdade, onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”.» (Evangelho)

De que serve o talento se não houver confiança?

Por: José Luís Nunes Martins

Não nascemos confiantes. Tornamo-nos confiantes, à medida que vamos arriscando mais, e nos dispomos a aceitar, com a mesma naturalidade, tanto o sucesso como o ridículo.

Posso ter competência, inteligência, força, vontade de aprender e experiência, mas se me faltar a confiança, não consigo por a render nenhuma das virtudes anteriores.

O medo da opinião dos outros é algo que cresce à medida que lhe vamos dando espaço. A verdade é que não há uma só pessoa à face da terra que não cometa erros, que não faça coisas ridículas, que não tenha ideias idiotas. No entanto, como todos nos esforçamos por não fazer transparecer essa face de nós,

há muitos que acreditam que são os únicos ridículos no mundo! Cheios de vergonha do julgamento dos outros, escondem os seus talentos até de si mesmos.

A verdade é que ninguém é normal! E isso é algo fantástico.

É difícil imaginar aqueles que admiro no dia a dia a terem os mesmos problemas que eu. Dos mais comuns aos mais complicados. Como se fossem perfeitos, e eu não.

Tendemos a desconsiderar aqueles com quem convivemos... uma vez que conhecemos os seus defeitos e vícios, temos certeza de que não são dignos de ser apreciados como aqueles outros que nos maravilham, quando estes, na verdade, talvez deixassem de ter esse efeito se os conhecemos um pouco melhor.

A maturidade que devemos alcançar é um nível de compreensão em que não consideramos ninguém como perfeito nem como miserável.

Cada um de nós é chamado lançar-se na construção da história. Da sua história e da história de todos. Isso faz-se com os talentos que já temos e com a confiança que decidimos construir.

Exige de ti a paz de confiares nos teus talentos.

In Ecclesia, 28.08.2020

23.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª Leitura: Ez. 33, 7-9

2.ª Leitura: Rom. 13, 8-10

Evangelho: Mt. 18, 15-20

- Os outros -

Por (de)formação, a linguagem corrente que usamos para nos referirmos aos outros é denunciadora de uma conceção errada do que eles são, em si e para nós. “Falar da vida alheia”, “não tenho nada a ver com isso”, “não me meto com ninguém”, são algumas das expressões que frequentemente ouvimos e nós próprios também dizemos. Por isso, atentemos bem na mensagem das leituras deste domingo.

Como a Ezequiel, o Senhor faz de cada um de nós uma sentinela, atenta e vigilante, em favor dos nossos irmãos, para lhes anunciarmos a iminência do perigo, para os advertirmos dos riscos que correm. Logo nas primeiras páginas da Bíblia, Deus pergunta a Caim: “Onde está o teu irmão (Abel)?”. Caim reage com outra pergunta: “Acaso serei eu guardião do meu irmão?”, pergunta essa que nem resposta merece da parte de Deus!

S. Paulo, por sua vez, diz-nos que a única dívida que nunca estará totalmente saldada é a do amor fraterno, pois nunca teremos atingido a medida que Cristo nos propõe: “amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”. ‘Prova de amor maior não há do que dar a vida pelo irmão’ é o refrão de um cântico bem conhecido.

Pelo evangelho de hoje, ficamos a saber que o melhor critério para aquilatar-mos do nosso amor fraterno é a forma como perdamos, parecendo esta tão importante como o próprio perdão. Na verdade, pelas etapas indicadas para o processo do perdão, ressalta bem claro que é assunto a ser tratado na máxima intimidade, entre mendigos de um perdão que não humilha, não esmaga nem destrói, mas que recria e aproxima os intervenientes.

De facto, os outros são tão importantes para mim que, sem eles, eu não posso ser eu; como também os outros, sem mim, não podem ser eles. Mas esta relação só é verdadeira na medida em que faz de ‘mim’ e de ‘eles’ um ‘NÓS’, isto é, na medida em que nos faz próximos e ‘interessados’ uns pelos outros, num relacionamento respeitador, amigo e fraterno, caracterizado por um perdão concedido com generosidade e acolhido com humildade.

Segundo o Papa Francisco, “a indiferença para com o próximo assume diferentes fisionomias. Há quem esteja bem informado, ouça a rádio, leia os jornais ou veja programas de televisão, mas fá-lo de maneira entorpecida, quase numa condição de rendição: estas pessoas conhecem vagamente os dramas que afligem a humanidade, mas não se sentem envolvidas, não vivem a compaixão. Este é o comportamento de quem sabe, mas mantém o olhar, o pensamento e a ação voltados para si mesmo”.

Passar deste alheamento reinante a uma atitude de atenção, de proximidade, de solidariedade e de comunhão é o percurso para que esta Palavra nos aponta. Saibamos nós acolhê-lo nestes tempos de tanto individualismo e de indiferentismo, gerador de tantos abandonos e de tantas solidões, pois, em vez de muros de isolamento e de divisão, os cristãos são chamados a ser construtores de pontes, que aproximam e geram comunhão!

Pe. José de Castro Oliveira

Os cinco amores

Por: Cónego Manuel Maria Madureira,
Arquidiocese de Évora

Não posso perder a esperança de ver, algum dia, a coerência, a autenticidade, a honra e a generosidade como as principais características da sociedade. Difícil? Sim, porque, numa lógica de egoísmo e de egocentrismo, é custoso desapegarmo-nos dos atrativos deste mundo! e de tudo o que nos dá gosto e prazer! e das facilidades que a nossa civilização rica e supérflua criou! Tudo isso, porque gostamos de assumir como boa a nossa inclinação para o que é terreno, e como menos boa a preocupação com outras realidades. Para quê perder o pássaro que temos na mão se é difícil apanhar os dois que continuam a voar?

Os antigos hebreus chamavam “mamona” a essa inclinação para os bens terrenos e usavam-na quando se referiam à Beleza, ao Dinheiro, à Família, à Fama – e nunca às Boas Obras. No tempo de Jesus – que veio ensinar que a inclinação para os bens terrenos deve submeter-se à dimensão espiritual – formou-se o seguinte ditado: “Vós não podeis servir a Deus e a Mamona (adágio traduzido por “não podeis servir a Deus e ao dinheiro”). De facto, qualquer teoria que faça do lucro (do dinheiro, dos bens) a regra exclusiva e o fim último da vida humana é, moralmente, inaceitável. O apetite desordenado às riquezas não deixa de produzir os seus efeitos perversos e é uma das causas dos numerosos conflitos que perturbam a ordem social.

Perguntemo-nos então: vale a pena aceitar a recomendação de Jesus de que se não pode servir a Deus e ao dinheiro? Ganha-se alguma coisa com isso? E damos a resposta em tom de reflexão. Quando somos novos, dizemos que não nos importa morrer. Pudara! A morte vemo-la tão longe! ou melhor, nem a vemos. Um dia, tudo vai acontecer e, então, teremos oportunidade de nos despedirmos dos cinco amores da vida. Virá a Beleza e dirá: «tu sabias que eu não era um amor definitivo. Tudo o que é bom, acaba. Deste modo, agora debes resignar-te. Adeus». Aproxima-se o Dinheiro e pronuncia estas palavras de consolo: «já sabes que vou estar contigo até ao fim. Terás um enterro solene. Depois, acenderei uma grande vela pelo descanso da tua alma». Logo a seguir surge a Esposa chorosa a acariciá-lo dizendo: «quis-te sempre e sempre te recordarei. Acompanhar-te-ei até à sepultura. Conservar-te-ei nessa foto e no coração. Prometo que te levarei frequentemente flores». Em quarto lugar vem a Fama e, em voz alta para ser notada, diz-lhe: «alegra-te, poucos morrem com tanta fama. Haverá muita gente no teu enterro. A imprensa e a televisão falarão de ti durante alguns dias». Por último aproximam-se as Boas Ações e, com muito carinho e serenidade, dizem-lhe ao ouvido: «nada temas, alegra-te. Nós não nos despedimos nem choramos nem fazemos juras de amor. Nós, para além do consolo, damos-te alegria. Duramos muito mais que a fama e a beleza e lembramos o dinheiro que tu soubeste distribuir. Somos tão eternas como tu. A tua eternidade será feliz graças a nós».

In Ecclesia, 01.08.2020

INFORMAÇÕES

Inscrições para a Catequese: O pároco lembra que, durante o mês de setembro, estão abertas as inscrições para a Catequese, para os que entram de novo. Este ano deve-se privilegiar as inscrições on line, que podem ser feitas no sítio <https://aparoquia.com/aparoquia>, clicando, ao fundo da página, em “Portal para Paroquianos”, para se registar como tal. Depois do registo, pode fazer vários tipos de inscrições, entre as quais para a Catequese.

Quem preferir a inscrição presencial, esta pode ser feita na Secretaria Paroquial, cumprindo as regras de higiene e segurança prescritas para a Covid-19, nos seguintes dias: quartas-feiras e sextas-feiras, das 18,45 às 20 h.

Devem inscrever-se todas as crianças e adolescentes que entram na catequese paroquial pela primeira vez, para qualquer ano. No 1.º ano devem inscrever-se todas as crianças que perfazem os 6 anos de idade até ao fim deste ano.

(Continua na pág. 4)